

Ucrânia intensifica guerra e ataca ponte da Crimeia

Kiev ainda deixou 700 mil sem luz em regiões ocupadas pelos russos

/ GUERRA DA UCRÂNIA

Dois dias depois do mais audacioso ataque de Kiev na Guerra da Ucrânia, forças de Volodimir Zelensky alvejaram pela terceira vez no conflito a ponte da Crimeia, símbolo da anexação da península por Vladimir Putin em 2014. Além disso, os ucranianos deixaram ao menos 700 mil pessoas sem energia em duas regiões ocupadas pelos russos no sul do país, Kherson e Zaporíjia.

A ação na ponte ocorreu às 4h44min de ontem (noite de segunda no Brasil) e envolveu 1.100 kg de explosivos subaquáticos, segundo postagem do Serviço Secreto da Ucrânia. Os danos foram pequenos à primeira vista, mas a agência diz que há comprometimento estrutural em um pilar.

O tráfego foi interrompido, mas retomado no fim do dia. Já o movimento de embarcações comerciais foi suspenso em torno de Sebastopol, a principal cidade crimeia, que fica do outro lado da península. Em 2023, a ponte foi atacada duas vezes, e numa delas ficou bastante danificada. Ela é vital para o fornecimento de mantimentos e provisões militares às forças estacionadas na Crimeia, anexada como retaliação pela derrubada do governo pró-Moscou em Kiev.

A passagem pela obra desde então é cercada de cuidados. Passageiros de trens têm de ficar sentados com cortinas fechadas durante a travessia, para evitar chamar a atenção e também visando evitar alguma coordenação com os ucranianos.

Já o blecaute ocorreu após um ataque com drones na madrugada



Tráfego foi interrompido no local, mas retomado no fim do dia

da, noite de segunda no Brasil. Foi o maior apagão do gênero no conflito até aqui, e mais um sinal da escalada de lado a lado desde que os Estados Unidos forçaram a negociação entre os rivais.

Segundo a estatal russa de energia atômica, Rosatom, por ora não há risco para a usina nuclear de Zaporíjia, ocupada desde 2022 pelos russos. A planta, a maior da Europa, está sem produzir energia comercialmente, mas depende de eletricidade para a manutenção de 1 de seus 6 reatores ainda ligados.

A situação está sendo mantida estável com geradores, mas é complexa, segundo o presidente da empresa, Alexei Likhatchev, disse à agência RIA-Novosti. A usina é foco constante de temores de um acidente devido aos combates na região.

Kherson está ocupada pelos russos salvo uma faixa ao Norte do rio Dniepr que inclui a capital homônima, assim como Zaporíjia. As duas regiões são menos russófonas do que o leste composto por

Lugansk e Donetsk, foco da guerra civil de 2014 que está na origem da invasão de 2022, mas são vitais para Moscou.

Elas formam a ponte terrestre entre a Rússia continental e a preciosa península da Crimeia. Antes, a conexão era marítima ou pela vulnerável ponte rododiferroviária aberta em 2018.

As ações levaram ao temor da retaliação russa. A Ucrânia decretou e depois suspendeu alerta aéreo em todo o país devido ao risco de lançamento de mísseis Orechnik, a nova arma que Putin empregou uma vez contra o país em novembro. Trata-se de um modelo balístico com múltiplas ogivas, desenhado para guerras nucleares, mas adaptado para o combate convencional.

Na mão inversa, a Rússia matou ao menos duas pessoas em Sumi, capital da região homônima que está sob ataque no Norte ucraniano. Zelensky chamou a ação de criminosa e voltou a pedir aos EUA novas sanções contra Moscou.

Opositor Lee Jae-myung é eleito novo presidente da Coreia do Sul

/ ELEIÇÕES

O advogado Lee Jae-myung, ex-operário de fábrica, foi eleito presidente da Coreia do Sul na eleição de ontem. Com mais de 94% dos votos já contabilizados, Lee, candidato do opositor Partido Democrático, recebeu 48,85% dos votos, enquanto Kim Moon-soo, do governista Partido do Poder do Povo, aparecia com 41,99%, uma tendência irreversível.

Perto da meia-noite no horário local (meio-dia de Brasília), já com três redes de TV projetando sua vitória, Lee surgiu diante de sua residência e afirmou: “Se este resultado for confirmado, gostaria de expressar meu respeito pela grande decisão do público. Farei o meu melhor para cumprir a grande responsabilidade e missão e não decepcionarei as expectativas do público. Obrigado”.

A liderança da Coreia do Sul vem sofrendo constantes mudanças desde que o ex-presidente conservador Yoon Suk Yeol invocou a lei marcial em 3 de dezembro. O decreto, que teve curta duração, levou à sua destituição do cargo. O país teve três presidentes interinos diferentes desde então.

Lee prometeu dar continuidade ao manual de política externa de Yoon: expandir a aliança com os EUA, cooperar com o Japão e desafiar a Coreia do Norte em questões de direitos humanos. Mas ele, que já se comparou a Bernie Sanders, não quer que as relações da Coreia do Sul com os EUA excluam laços com a China ou a Rússia. Ele considera o relacionamento de Seul com Washington o “eixo básico de nossa diplomacia”. No entanto, “isso não significa que devemos confiar completamente na aliança com os EUA”, disse Lee, no mês passado.

A eleição foi convocada dois anos antes do previsto, tendo como tema central a tentativa de autogolpe. Outro foco da campanha foram as tarifas impostas pelos EUA aos produtos do país, apesar de a Coreia do Sul adotar tarifa zero sobre os produtos americanos.

Em janeiro do ano passado, num momento em que conversava com jornalistas, Lee sofreu uma tentativa de assassinato a faca, que atingiu seu pescoço e exigiu longa cirurgia. Desde então, anda cercado por seguranças e vestindo colete à prova de balas.

Primeiro-ministro holandês renuncia após ultradireita deixar coalizão

/ HOLANDA

O primeiro-ministro holandês, Dick Schoof, anunciou sua renúncia, ontem, horas após o líder da ultradireita, Geert Wilders, retirar o Partido pela Liberdade (PVV) da coalizão de governo. A decisão joga a Holanda em período de transição até as próximas eleições parlamentares, ainda sem data, durante o qual será governada por uma gestão interina - ministros do partido de Wilders deixarão o gabinete, enquanto os titulares restantes de outras pastas continuarão na administração. Os outros partidos da coalizão agora têm a opção de tentar prosseguir como um governo minoritário, embora não se espere que o façam.

De forte discurso populista e anti-islâmico e conhecido como “Trump holandês”, Wilders levou o PVV a ser o mais votado nas últimas eleições, disputadas em 2023, longe, no entanto, do necessário para formar um governo sozinho. Com um sistema político-partidário hoje bastante fragmentado na Holanda, são 37 de 150 ca-

deiras atualmente com a legenda vencedora do pleito. Durante as longas negociações para formar a coalizão com outras siglas de direita, que terminou horas antes do prazo, ficou acordado que Wilders não seria o premiê, apesar de compor o governo e ser o líder da legenda mais votada.

“Nenhuma assinatura dos nossos planos sobre asilo. Nenhum ajuste ao acordo da coalizão. O PVV deixa a coalizão”, escreveu em sua rede social, indicando que os parceiros na gestão não aceitavam os termos de sua legenda para questões de imigração. Em declarações na TV, Schoof, o premiê, disse que a decisão de Wilders foi “irresponsável e desnecessária”. “Na minha opinião, isso não deveria ter acontecido”, afirmou.

O ultradireitista deve buscar um aumento da base do PVV nas próximas eleições, com isso aproveitando nova maré favorável à direita radical no continente e no mundo, com Trump de volta à Casa Branca, e a insatisfação em alta com questões migratórias pela Europa.

Lula discutirá Gaza e UE-Mercosul com Macron

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que discutirá o massacre do Exército de Israel à Faixa de Gaza e o acordo comercial entre Mercosul e União Europeia com o presidente da França, Emmanuel Macron. Lula embarcou para o país europeu, onde cumpre visita de Estado e participa de conferência ambiental.

O Palácio do Eliseu, sede da Presidência francesa, não men-

cionou o acordo UE-Mercosul entre os temas a serem tratados pelos dois presidentes. A assessoria francesa disse que o governo teve a oportunidade de apresentar sua posição em várias ocasiões: Que o acordo não é aceitável no estado atual. “Resta saber se a parte brasileira deseja trocar ideias sobre o assunto, mas já houve muitos diálogos com o presidente durante visitas anteriores para apresentar nossa posição, que não mudou”.

Sobre a Faixa de Gaza, Lula é um crítico contumaz das ações israelenses. Líderes europeus passaram a pressionar Tel Aviv ao longo dos últimos meses diante da escalada da ofensiva militar no território palestino, que ficou sob bloqueio de ajuda humanitária por 78 dias, até o mês passado. O presidente também afirmou que tentará vender o “bom momento do Brasil” a empresários franceses para tentar atrair investimentos.